

Cultura, Experiência e Comunicação

A Metáfora e o Poder da Linguagem*

Anabela Mateus[†]

Índice

Introdução	1
1 Reflexão	3
Síntese conclusiva	10
Bibliografia	11

Resumo

No âmbito da Comunicação Humana, decidimo-nos por uma reflexão sobre o significado da palavra e de tudo o que ela encerra.

De imediato, nos deparamos com a problemática da influência de conceitos metafóricos e importância da metáfora no dia-a-dia da vida social e cultural de todos e de cada um de nós.

Tentamos aprofundar tal problemática e não podemos deixar de nos envolver com o pioneirismo de Lakoff e Johnson que defendem na sua análise em *Metafora de la Vida Cotidiana* a negação perante uma clássica existência de modelos “*objectivistas*” e “*subjectivistas*”, tradicionalmente de costas viradas entre si. Ao invés, apresentam-nos um convívio, bem gerido, por uma nova perspectiva de aspectos das duas correntes anteriores, que apelidam de “*síntese experiencialista*”, e que, como já se prevê, consegue

conjugar alguns dos aspectos dessas duas, até então vistas como rivais. Daí deriva facilitada a Comunicação, graças ao entendimento da metáfora, de acordo com os distintos valores individuais e as diversas culturas onde se está inserido.

Analisando aqui o “significado” da palavra, é posta em evidência a *perspectiva linguística*, no âmbito da teoria da Comunicação.

Não concluímos, no entanto, sem fazer algumas pertinentes distinções em relação à teoria da Comunicação/Informação, segundo entendemos de nossa responsabilidade, por via de distinta formação.

Introdução

A Linguística, tal como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia e outras ciências que fazem parte do grupo das Sociais e Humanas, encontraram fonte de alimento em noções que se revelam básicas à Comunicação.

Noções como *informação*, *ruído*, *redundância*, *fonte*, foram por ela adoptadas. Shannon-Weaver (1949), legítimos pioneiros da sua introdução tanto no âmbito das Ciências Exactas como no das Sociais e Humanas, debruçaram-se sobre os problemas

*In: *Revista de Letras*, II, n.º 8 (2009), 377-389.

[†]FCT, CEL/UTAD, ECA/USP.

da Comunicação, sistematizando-os em três níveis de questões:

- a) *os problemas técnicos* – a exactidão com que os símbolos podem ser transmitidos entre um emissor e um receptor;
- b) *os problemas de eficiência e eficácia* – como o significado recebido influencia o comportamento do receptor, do modo pretendido pelo emissor;
- c) *os problemas semânticos* – a precisão com que os símbolos transmitidos veiculam o significado que se pretende (como a *forma* transmite o conteúdo da mensagem).

É muito especialmente no âmbito deste último grupo de assuntos que se situam as problemáticas das nossas considerações ao longo do texto que de seguida apresentamos. Na questão particular do estudo da metáfora e reflexão sobre conceitos metafóricos, sua raiz e influência, é apresentada uma preocupação constante sobre a forma como esses mesmos conceitos embebem a vida de todos os dias nas várias e diferentes culturas, de acordo com os valores a elas arreigados.

Mas numa análise não muito mais profunda dos aspectos que veremos tratados, também o segundo grupo de problemas enunciados pelos autores acima referidos fará parte das preocupações constantes na reflexão que se segue, já que muitos conceitos metafóricos ultrapassam as palavras que lhes servem de veículo de transmissão. Substituem-nas mesmo. Situações há em que só se pode alcançar o objectivo pretendido com uma abstracção implícita que oculta significados mais profundos. São os

segundos significados, apresentados sob a forma da *ironia*, da *distorção inequívoca*, da *ampliação* ou *minoração* descaradas das intenções.

A obra que, neste âmbito, nos suscita particular interesse, da autoria de George Lakoff e Mark Johnson, “*Metáforas de la Vida Cotidiana*”, apresenta-se como pioneira nesta abordagem.

Debruçando-se, primariamente, sobre as Ciências da Linguagem, ou não se tratasse de um filósofo e um linguista, estes autores demonstram a aproximação existente entre a linguagem nos seres humanos e as capacidades de comunicação propriamente ditas. E tal aproximação decorre da aprendizagem de conceitos de comunicação através da linguagem, mas conceitos que extravasam a própria linguagem.

Sendo certo que a comunicação humana não se confina à linguagem verbal, também não deixa de ser verdade, a nosso ver, que se trata da forma mais perfeita e completa que permite um entendimento entre os seres humanos. Nessa medida, a compreensão da comunicação passará, obrigatoriamente, pela compreensão da linguagem. E é nesta mesma relação que vamos encontrar a origem dos significados que, no nosso quotidiano, se traduzem muitas vezes em conceitos metafóricos.

Daqui resulta que ninguém poderá duvidar da necessidade do entendimento da metáfora, tão presente nos diferentes sistemas culturais, para a produção de comunicação eficaz e eficiente para a inserção cultural e social, tão fundamentais aos seres humanos.

1 Reflexão

A sociedade é certamente uma condição necessária ao desenvolvimento da “humanidade” da espécie humana. Sem ela o homem seria um animal, mas esta condição só se torna suficiente se ele for dotado de capacidades que as outras espécies não possuem: linguagem, compreensão, comunicação, que lhe permitem a abstracção necessária para a utilização de conceitos metafóricos.

Durkheim, um sociólogo que muitos consideraram mais filósofo nas suas perspectivas de encarar os factos e as relações sociais, apresenta já, no primeiro quarto do século passado, a sua perspectiva sobre a importância da linguagem humana e afirma: “se tirarmos ao homem, tudo o que lhe vem da sociedade fica-nos apenas um ser reduzido à sensação e mais ou menos indistinto do animal” (1973:79 in 1991:378). Sem a linguagem, coisa eminentemente social, as ideias gerais ou abstractas são praticamente impossíveis e perdem-se, por conseguinte, todas as funções mentais superiores. Apresenta-a, dessa forma e em nosso entender, com uma função de integração na sociedade através da utilização da inteligência e pela tradução do pensamento de uma forma superior, através da construção e adequada aplicação de metáforas.

Mas Durkheim prevê já a existência de diferentes culturas, ilustradas por diferentes valores, que iluminam a moral correspondente e que, em consequência, provocam em cada sociedade a formação e permanência de instituições, crenças ou práticas morais que lhes são próprias e caracterizam o tipo a que pertence. Os conceitos metafóricos não

poderão deixar de estar intimamente relacionados com a concepção de moral vigente.

Traduzindo-se a moral num sistema de deveres e obrigações sociais, torna-se mais fácil fazê-los cumprir de forma indirecta. Sabe-se que há imperativos morais que todos os membros de uma sociedade aceitam, pelo menos em abstracto. Mas o mais interessante e pejado de desafio são os temas em torno dos quais não há unanimidade. E quando encontramos esses temas, a Sociologia é normalmente incapaz de dizer qual a moral que corresponde às exigências da sociedade. Ainda segundo Durkheim, “a sociologia poderá explicar as razões do facto, mas não pode responder aos problemas que se põem aos indivíduos, e menos ainda, propor uma razão que seja científica” (1991:375). E aqui surgem-nos, neste âmbito, novas perspectivas pela mão de Lakoff e Johnson com a sua obra sobre a qual agora nos debruçamos *Metáforas de la Vida Cotidiana*. Sendo certo que a análise sociológica dos fenómenos sociais feita por Durkheim, nos é apresentada há quase um século, não deixa de ser um marco a considerar e o seu objectivo de abstracção e isenção no estudo dos factos sociais permite-nos, e esperamos não abusar demasiado da nossa liberdade interpretativa, encontrar uma certa paridade com a postura da ciência que é a linguística, enquanto meio de tratamento da metáfora no âmbito da linguagem, instrumento activo de intervenção social na vida quotidiana através dessa mesma linguagem, tal como, legitimamente, aqueles autores vêm defender.

É verdade que a linguística foi durante muito tempo uma ciência arremessada para um segundo plano e só a partir da segunda metade do Séc. XX começou a ser tida em consideração. Mas o facto é que, com

a compreensão e a aplicação dos conceitos metafóricos, ela vai conseguir ultrapassar os problemas então apresentados por Durkheim e, na prática, tão bem conhecidos. A utilização da metáfora constituiu, nos seus primórdios e durante bastante tempo, a forma de se transmitirem mensagens consideradas pouco próprias à moral ou aos bons costumes; foi, por outro lado, a resposta política alternativa em regimes totalitários e ditatoriais do século que passou; continua a ser a forma excelente de persuasão em mensagens da área do consumo quando já não há eficácia que responda a métodos directos que façam apelo ao consciente humano, havendo assim a necessidade da utilização de estratégias sublimes de influência ao penetrar nos recônditos mais profundos do subconsciente, ou mesmo do inconsciente, de modo a levar o receptor a sentir-se tocado e directamente motivado à compra.

Nas sociedades modernas, iluminadas, com um conhecimento assente na tecnologia que permite um esclarecimento rápido, apesar da existência de um sistema de valores e consequentes imperativos, as pessoas sentem-se mais desobrigadas, sentem a necessidade de maior independência, até pela posse de informações e conhecimentos que lhes permitem optar por um leque de valores e, por vezes, até a criação dos seus próprios valores, religiosos, morais e mesmo sociais.

A maneira mais eficaz e sublime de se levar a cumprir os objectivos implícitos dos valores instituídos traduz-se numa forma subtil, indirecta, às vezes mesmo inconsciente, através da linguagem que, como acima afirmámos, encontra na metáfora o seu campo de melhor expressão.

A perspectiva que agora apresentamos dos autores Lakoff e Johnson, que fundamenta a

nova *teoria experiencialista*, vem traduzir-se como uma alternativa de extrema utilidade para a vida actual. De facto, o homem só o pode ser na sua plenitude enquanto ser racional, ser com possibilidades de decidir e assumir compromissos, e tudo isso só se consegue com base na forma como estrutura as suas experiências através das metáforas. As metáforas foram-se desenvolvendo ao longo do tempo através da cultura, mas foram também impostas pelos líderes de opinião das várias áreas – política, religiosa, económica, da informação. Desta forma, a realidade transmite-se de forma a que chamaríamos um pouco “artificial” devido à “filtração” da informação que se obtém. A questão das “perspectivas” sobre um mesmo facto é disso, a nosso ver, exemplo comum e consistente. Uma mesma situação pode ser vista no âmbito de uma perspectiva da política, da realidade social, religiosa, económica e ainda mais representativa para o efeito, através dos *media*. O que vai acontecer é a distorção dos factos não pela figura do erro mas pelos instrumentos do destaque e da ocultação de determinados aspectos desse mesmo facto, ou seja, aquilo que interessa apresentar ou não apresentar. A metáfora apresenta-se como o instrumento ideal para fazê-lo. Há que adaptar determinados conceitos a cada cultura ou subcultura através da linguagem, mas há sobretudo que defender os nossos objectivos utilizando as expressões adequadas para satisfazer as nossas intenções, influenciando os nossos receptores. No fundo, há que criar, ou melhor, recriar a realidade que queremos, transmitindo aos outros os nossos valores base e os nossos sistemas conceptuais sem eles darem conta disso. As verdades tornam-se, então, relativas já que elas são aceites com base na compreensão da

mensagem apresentada, e a metáfora, como veículo por excelência das mensagens nos casos referidos, vai condicionar o teor da realidade apreendida. Quem tem o poder consegue impô-lo, independentemente do grau de veracidade que o conteúdo da informação detém.

Esta nova perspectiva dos autores de *Metáforas de la vida Cotidiana*, Lakoff e Johnson, encontra o seu fulcro de tradução precisamente nesses aspectos da *verdade* e da *compreensão*.

Eles vêm agora apresentar uma alternativa aos mitos que se têm imposto na cultura ocidental, o do *objectivismo* e o do *subjectivismo*. De costas voltados um para o outro, nas suas posições mais elementares, eles têm sido até esta nova interpretação inconciliáveis. Muitas pessoas educadas na cultura da ciência, ou subculturas que aceitam apenas a verdade absoluta, não podem encontrar uma relação entre essa *verdade* e o *sistema conceptual humano* já que qualquer que ele seja é sempre, em grau elevado, de natureza metafórica. E isso vai limitar a existência de uma verdade objectiva, sem condições absolutas. Pela mesma razão, os defensores do subjectivismo acreditam, nessa base, que cada pessoa poderia criar a sua própria realidade livre de qualquer imposição ou restrição.

Sabe-se que um dos primados do mito do *objectivismo* se traduz na racionalidade. Qualquer emoção, sentimento, significado menos claros não podem ser contemplados se pretendemos uma realidade objectiva.

Só o conhecimento objectivo é conhecimento verdadeiro. Assim, qualquer metáfora ou linguagem indirecta, nomeadamente a poética, têm que ser evitadas uma vez que os seus significados não são claros e po-

dem deturpar a necessária visão imparcial do mundo. Entendemos os objectos sob a forma de categorias e conceitos que têm propriedades inerentes e relações correspondentes entre eles. Por sua vez, os significados das palavras são fixos (claros e precisos) e a linguagem é a tradução dos conceitos e categorias daquilo que pensamos. A realidade é objectiva e o que dizemos é objectivamente, absolutamente e intencionalmente ou verdadeiro ou falso. Os objectos são constituídos por propriedades independentes de quem os experimenta e o nosso conhecimento do mundo obtém-se através da nossa experiência desses objectos e das relações independentes entre eles.

Radicalmente oposto ao mito do objectivismo apresenta-se o mito do *subjectivismo* com os seus pressupostos que, desde logo, defendem que a ciência, embora determinante para o desenvolvimento do homem, se encontra num segundo plano quando nos confrontamos com o que é mais importante na vida: as emoções, sentimentos, experiência estética, consciência espiritual, práticas morais. É por isso que na maioria das nossas actividades práticas habituais nos submetemos aos nossos sentidos e desenvolvemos intuições que orientam as nossas acções. A *linguagem da imaginação*, sobretudo as *metáforas*, é fundamental para exprimir alguns aspectos únicos, e pessoalmente significativos, da nossa experiência.

Tal como na maioria das situações em que existem posições radicalmente opostas, é da coexistência de ambos que se obtém um equilíbrio. Eles precisam-se mutuamente embora em domínios separados. Um e outro completam as pessoas, se bem que em proporções diferentes consoante os indivíduos e as culturas onde eles estão inseridos. Na cul-

tura ocidental o *objectivismo* assume, genericamente, uma posição de supremacia. Facilmente encontra fundamento no âmbito da ciência, da moralidade, dos negócios... Apesar de tudo, quando a realidade atingiu um estado de pura desumanização, com as consequências da Revolução Industrial e a utilização de complexa tecnologia na ciência, deu-se uma reacção entre os poetas, artistas e filósofos dessa época que veio a restituir algo dos valores anteriormente perdidos: o desenvolvimento da tradição romântica e uma nova consideração pela subjectividade contida na arte. A tradição romântica, ao abraçar o subjectivismo, reforçou a dicotomia entre *verdade e razão* por um lado e *arte e imaginação*, por outro. Mas o domínio subjectivista, criado pelos românticos, torna-se empobrecido quando comparado com o do objectivismo sob a forma do poder real que este detém na nossa sociedade – na ciência, lei, arte e até religião. O *subjectivismo* ficou-se pela arte e, com boa vontade, pela religião. E continua a ser visto pela maioria das pessoas da nossa cultura como um apêndice ao mundo objectivista e um retorno às emoções e imaginação.

Não satisfeitos com a dicotomia encontrada, os autores referidos vêm, então, apresentar uma alternativa que rejeita que os mitos da *subjectividade* e da *objectividade* sejam as únicas possibilidades para a explicação da *verdade* e da *compreensão*: a *síntese experiencialista*. E síntese porquê? Precisamente porque tem a virtude de se apresentar como uma conciliação entre os mitos *objectivista* e *subjectivista*. Naturalmente que não abarca em concordância todos os aspectos de um e de outro. Seria, aliás, uma incongruência pela antítese dos aspectos mais essenciais de cada um e das posições ad-

vogadas pelos seus mais inexoráveis defensores. Consegue, no entanto, encontrar um ponto de referência que lhes permite fundamentar a sua nova perspectiva. E esse ponto é, precisamente, a metáfora e a relação a ela intrínseca que *une a razão e a imaginação*.

Por um lado, *a razão* supõe *categorização, implicação, inferência*. Por outro, *a imaginação*, num dos seus muitos aspectos, supõe ver um tipo de coisas sob a forma de outro – *pensamento metafórico*. A metáfora torna-se, assim, *racionalmente imaginativa*. E como? Uma vez que as *categorias do nosso pensamento* quotidiano são, em grande medida, *metafóricas* e o nosso *raciocínio de cada dia* leva a *implicações e inferências metafóricas*, a *racionalidade normal* é naturalmente *imaginativa*; dada a nossa compreensão da *metáfora poética*, sob a forma de *implicações e inferências*, podemos ver que os produtos da *imaginação poética* são, pela mesma causa, *parcialmente, de natureza racional*.

Há situações que não se podem entender na sua globalidade – pensamentos, experiências estéticas, práticas morais e consciência espiritual –, mas isso não significa que sejam desprovidas de racionalidade. A metáfora é um dos melhores instrumentos para as podermos entender parcialmente. Uma vez que utilizam a metáfora, utilizam a *racionalidade imaginativa*.

Por tudo o que foi anteriormente referido percebe-se que a verdade está sempre relacionada com a compreensão. Não pode haver, assim, um ponto de vista único para se atingir uma verdade objectiva absoluta para qualquer realidade. Isso não significa que não haja verdades, mas, sim, que se encontram sempre relacionadas com o sistema conceptual de cada um, fruto das experiên-

cias individuais e da realidade social e cultural que está, ao mesmo tempo, a ser constantemente posta à prova por elas nas nossas interações diárias com outras pessoas e com o nosso *ambiente físico e cultural*.

Ainda que não haja uma objectividade absoluta, pode dar-se um tipo de objectividade relacionada com o sistema conceptual de cada cultura.

Como se pode ver, estamos perante conceitos vários que se entrelaçam para formar um todo único.

No âmbito do contributo do pensamento objectivista para a *perspectiva experiencialista* há um aspecto que nos permitimos destacar.

Como síntese desse contributo, podemos ver que, para esta corrente, a metáfora é algo essencial à compreensão humana e um mecanismo para criar novo significado nas nossas vidas e que isso vai contra a generalidade das posições defendidas pelas filosofias tradicionalista ocidental que considerou a metáfora como agente do subjectivismo e, portanto, contrariando a busca da verdade absoluta.

Para além disso, alargou o âmbito da metáfora a visões mais contemporâneas da *linguagem*, da *compreensão*, da *verdade* e do *significado* que, segundo os autores em questão, dominam a filosofia analítica recente e parte da linguística moderna assim como de outras disciplinas.

Como acabámos de ver, o mito do objectivismo, com base na tradição objectivista, atribui particular importância ao *significado*, aspecto que, pelo nosso percurso de investigação no campo da comunicação nos desperta a maior atenção.

No âmbito da teoria que daí derivou – a *teoria do significado* –, permitimo-nos

salientar apenas um dos muitos contextos da sua interpretação e intervenção, não esquecendo o seu fundamento em valores e primados de *objectividade*, *verdade*, *imparcialidade*. Reportamo-nos, pois, à *teoria objectivista da comunicação* que, pela sua natureza, nos suscita particular interesse e reflexão.

Dentro da perspectiva apresentada, os autores que temos vindo a referir defendem que, no âmbito da linguística e da filosofia objectivista, os *significados* e as *expressões linguísticas* são *objectos* que existem independentemente uns dos outros. Essa perspectiva vai mesmo dar lugar a uma *teoria objectivista da comunicação* que, segundo eles, se adequa bastante bem à *metáfora do canal*, aspecto relacionado com a maneira como as metáforas podem influenciar, ou mesmo definir, a forma da linguagem, ocultando ou destacando alguns aspectos do conteúdo da mensagem. Torna-se, agora, oportuno destacar essa interpretação para um melhor entendimento da nossa posição a seguir apresentada.

A explicação assumida por Lakoff e Johnson é de que é possível definir claramente o que alguém quer dizer – os *significados* são vistos como *objectos (conteúdo da mensagem)* –, e as falhas de comunicação dever-se-ão exclusivamente a erros subjectivos. Uma vez que os significados se encontram objectivamente correctos, definidos com palavras de forma objectiva, é porque alguém não usou a palavra (*canal*) adequada para dizer o que queria (*emissor*) ou, então porque foi mal compreendido (pelo *receptor*).

Permitimo-nos, então, esta análise pessoal à luz da *teoria da comunicação/informação*

por alguém com formação distinta da dos autores da obra em referência.

Torna-se curioso, mas compreensível, como as “expressões linguísticas” são entendidas não como “mensagens”, mas como “objectos”. Isto deriva do facto de estarmos a analisar a comunicação na perspectiva da *teoria do significado*. A comunicação tem aqui um papel de “servir” essa teoria. Numa perspectiva de análise da teoria pura, independente, obteríamos um resultado diferente. Nessa situação as expressões linguísticas não seriam perspectivadas como objectos, como no caso, mas, sim como canais: um comunicador (*emissor*) enviaria um significado (*mensagem*) a um ouvinte (*receptor*) através da expressão linguística associada a tal significado (*canal*). Pelo facto que apresentámos de dissociação dos significados com as expressões linguísticas correspondentes, decorre esta particularidade divergente, fundamentada na propriedade de cada uma das teorias.

Esta divergência, na posição que assumimos, poderá, à primeira vista, parecer não ter grandes consequências para a teoria como um todo e suas repercussões para a explicação da metáfora. Se analisarmos um pouco mais a fundo, no entanto, verificamos que assim não se passa. E é esse o motivo que nos leva a esta reflexão pessoal. O fulcro da questão encontra-se precisamente na *dimensão da mensagem*, o facto de ela ser concebida dissociada ou não. Se, enquanto na teoria defendida pelos autores, a expressão linguística é considerada um mero objecto com uma função de veículo (canal), desprovido de qualquer responsabilidade pelo conteúdo, aqui essa responsabilidade encontra-se na própria mensagem que contém o significado e a forma de nos expressarmos é, como se

tem estado a analisar, muitas vezes concebida através de metáforas.

Em termos teóricos consideramos um aspecto a realçar: o papel do comunicador, enquanto emissor, assume primordial importância pela responsabilidade dupla de enviar a mensagem com o significado pretendido, ou seja, adequadamente codificado de acordo com os códigos dos dois intervenientes activos – emissor e receptor. E é aqui que a metáfora pode deter um importante papel. Em termos mais pragmáticos, a linguagem e conceitos implícitos ultrapassam este preciosismo comunicativo que surge de perspectivas analíticas distintas.

De qualquer modo, e em termos de conclusão para este pequeno debate, o que é de reter é que, sejam quais forem as perspectivas defendidas, a metáfora tem sempre o objectivo de entender e fazer entender um aspecto do conceito relativo.

Com base na *síntese experiencialista*, a função das metáforas é, neste sentido, definir os próprios conceitos. Devemos lembrar que os conceitos se estruturam metaforicamente de maneira sistemática. Eles entendem-se sob a forma de um conjunto de metáforas diferentes que, relacionadas entre si, vão precisamente dar-lhes forma. A estruturação dos conceitos é, obrigatoriamente, parcial e reflecte-se no léxico da linguagem incluindo frases feitas que contêm expressões fixas. Há partes do conceito que ultrapassam a utilização directa para determinada metáfora e vão-se traduzir no que denominam como “linguagem figurativa ou imaginativa”. Assim, expressões literais e figurativas podem fazer parte da mesma metáfora geral.

Os conceitos e a sua estrutura interna estão fundamentados na nossa experiência e in-

teracção com o meio físico constantes. A nossa própria postura física define os conceitos através da nossa experiência espacial constante e a nossa interacção com o meio ambiente.

Um conceito ajusta-se à experiência quando há uma correlação “dimensão a dimensão” entre o conceito de uma acção ou atitude e os aspectos concretos dessa acção ou atitude. A conceptualização das nossas experiências permite-nos, desta forma, identificar os aspectos “importantes” de uma experiência. Ao identificar o que é importante podemos, então, categorizar a experiência, entendê-la e recordá-la.

Essa experiência, que ajuda a formalizar os conceitos, acontece no âmbito de um largo conjunto de pressupostos culturais, valores e atitudes que se encontram, assim, intimamente presentes na nossa experiência. Há metáforas que possuem uma base cultural tão forte que passam despercebidas enquanto tal. Isto dá-se quando já aconteceu uma assimilação total do conceito pela cultura e a metáfora passa a fazer parte integrante dessa cultura, porque aquilo que nela se destaca se ajusta muito bem ao que colectivamente a cultura experimenta e aquilo que ocultam, muito pouco. Mas não só se fundamentam na nossa experiência física e cultural. Também a influenciam. Ao contrário da posição defendida pela tradição objectivista, a metáfora ultrapassa a linguagem. Ao fazer parte do nosso sistema conceptual ela é um instrumento fundamental para entendermos as nossas experiências e, a partir daí, criar novos significados, definir realidades e criarmos uma nova realidade, posição contestada pelos teóricos tradicionalistas da questão.

Um outro aspecto que entendemos dever realçar é a oportunidade da *perspectiva ex-*

perencialista na relação que faz entre o significado e a experiência. Em toda a sua nova visão, Lakoff e Johnson defendem que a nossa experiência se estrutura holisticamente sob a forma de *gestalts* experienciais. A estrutura dessas *gestalts* deriva da experiência individual de cada pessoa. Daqui resulta que o significado que determinada coisa tem para um indivíduo pode não ter para outro devido ao tipo de experiência diferente que desenvolveu. Assim sendo poder-se-ia tirar a ilação de que essa barreira a nível de significados distintos não permitiria uma comunicação eficiente. Mas essa limitação nem sempre se apresenta como função directa dessa relação. Muitas vezes mesmo consegue ser ultrapassada pela estrutura natural da nossa experiência, que vai proporcionar uma forma de comunicar parcialmente experiências que não são comuns. E consegue-se assim, embora por via indirecta, não só a eficiência como a eficácia da comunicação.

Na sequência do que foi anteriormente referido, não tem, a nosso ver, menor importância a concepção de que a *síntese experiencialista* tem do homem enquanto indivíduo completo. É verdade que ele é um ser racional, mas influenciado pela sua interacção com o mundo e detentor dos aspectos humanizantes necessários – emoções, sentimentos, experiências passadas e intuições. O significado é sempre um significado para alguém, não é inerente ao objecto. Ele vai depender, em parte, dessas características individuais. E isso vai traduzir-se na sua forma de estar e se comportar. A verdade existe, fundamentando-se no sistema conceptual, mas também apenas com base nessas características individuais. Ser objectivo está sempre relacionado com um sistema conceptual, que já vimos individual, e com um con-

junto de valores culturais. Por outro lado, e complementarmente, a imaginação que detém, em conjunto com a coerência obtida pelas *gestalts* experienciais, permitem ao indivíduo as suas próprias percepções e definir uma escala de valores que atribui a si próprio e lhe vão proporcionar criar uma nova realidade através da sua imaginação com a coerência permitida pelas *gestalts* experienciais.

O que entendemos aqui como merecedor de realce é o papel determinante atribuído ao homem enquanto ser social interactivo e, simultaneamente, indivíduo racional.

A verdade, enquanto verdade relativa e não absoluta, vai ter que obedecer a uma necessidade do homem da compreensão quer do meio que o rodeia, quer do ambiente e outros elementos humanos, devido à interacção fundamental prevista, como um conhecimento de si próprio do significado e sentidos pessoais. É a perspectiva contraposta pelos autores que, segundo pensamos, se transmite em valores hoje unanimemente aceites e defendidos pela generalidade das culturas ocidentais, se bem que nem sempre transpostos para a realidade social.

Síntese conclusiva

Partimos de uma reflexão do significado da palavra e do seu papel fundamental na Comunicação. As clássicas abordagens do estudo da palavra levam-nos à busca de uma nova perspectiva de análise, mais moderada, tendo encontrado na obra de Lakoff e Johnson, “*Metáforas de la Vida Cotidiana*”, a proposta de uma *síntese experiencialista* fundamentada na conjugação das tradicionais concepções *subjectivistas* e *objectivistas*.

Pegando nos conceitos que a palavra

encerra, isto é, debruçando-se sobre a metáfora, que a mesma encerra, os autores da obra em questão explicam a palavra como uma estruturação, sempre parcial, resultante dos pressupostos culturais, dos valores e atitudes que estão subjacentes às experiências de cada indivíduo. Experiências que são, por si mesmas, também parcialmente de natureza metafórica, uma vez que a metáfora desempenha um papel essencial na sua própria caracterização.

Daí o chegarem a uma primeira conclusão: uma metáfora tem para cada indivíduo um dado significado. Significado determinado, por um lado pela cultura, e por outro lado pelo tipo das experiências vividas ao longo da vida.

Metáfora que não pode ser considerada como uma simples questão de linguagem, devendo, antes, ser entendida como o pensamento e a acção traduzidos na linguagem e tendo como função primária proporcionar uma compreensão, parcial, de um tipo de experiência sob a forma de outro tipo de experiência.

Reconhecendo-se a importância das explicações resultantes para a análise desta questão, quer da postura *objectivista*, quer da postura *subjectivista*, por força dos mitos que das mesmas resultam, propõem os autores da obra em referência uma *síntese experiencialista*.

Síntese experiencialista que se apresenta como alternativa àqueles mitos, agora já não como única explicação para a verdade e a compreensão. Daí resulta a necessidade de explicar a metáfora como a união da razão e da imaginação e, em sequência, a necessidade de um *pensamento metafórico*.

A metáfora constituirá, assim, um dos instrumentos mais poderosos para conhecer a

verdade, uma vez que aqueles que a utilizam recorrem à racionalidade imaginativa.

Por este caminho atinge-se o ponto de chegada pretendido que é o da conclusão de que através de uma *perspectiva experiencialista* a verdade depende da compreensão do mundo que nos rodeia, através da estruturação coerente da experiência, isto é, do conhecimento das metáforas.

Impossível concluirmos sem uma última referência: a análise paralela das “expressões linguísticas”, à luz da clássica *teoria objectivista da comunicação*. Daí deriva a *teoria do significado*, na *perspectiva da linguística*, e que dissocia os “significados” das “expressões linguísticas”, onde estas são assumidas como o “objecto” a transmitir, o que a distingue da óptica da *teoria da comunicação* enquanto *informação*. Traduzindo-se os “significados” como “canal” para transmitirem as “expressões linguísticas”, detêm a simultânea responsabilidade de transportarem o seu próprio conteúdo, ou seja a própria “mensagem”. O nosso percurso de investigação impele-nos a esse pequeno contributo. Alertando para as consequências decorrentes desse binómio no âmbito da Comunicação e traduzindo-se tais *expressões*, distintamente, como “objecto” ou como “mensagem”, consoante as situações, obrigamo-nos ao destaque de um entendimento e tratamento diferenciado daí decorrente.

Bibliografia

AAVV (1999): *Cadernos do Noroeste*. Braga: Série Comunicação, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Alves, Aníbal (1999): *Ciências da Comunicação, Área Interdisciplinar*. In: *Comunicação e Sociedade*. Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Aron, Raymond (1991): *As Etapas do pensamento Sociológico*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Círculo de Leitores.

Durkheim, Émile (1963): *Sociologia e Filosofia*. 2.^a edição. Paris: PUF. Goode, William J. e Hatt, Paul K. (1979): *Métodos em Pesquisa Social*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. 7.^a edição. S. Paulo: Biblioteca Universitária, Companhia Editora Nacional.

Lakoff, George e Johnson, Mark (1998): *Metáforas de la Vida Cotidiana*. 4.^a Edition. Madrid: Ed. Cátedra, SA.

Moreira, Carlos Diogo (1999): *Planeamento e Estratégias de Investigação Social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (1998): *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Trajectos. Trad. João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. 2.^a Edição. Lisboa: Gradiva publicações, Dep. Sociologia da Universidade Nova de Lisboa.

Reddy, Michael (1979): “The Conduit Metaphor: A case of frame conflict in our language about language”. In: Ortony, Andrew (ed.): *Metaphor and*

Thought. Cambridge: Cambridge University Press.

Shannon, C. e W. Weaver (1949): *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press.